



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Andréa Maria da Silva

CANDOMBLÉ: um olhar desvinculado do racismo religioso

Rio de Janeiro

2018

Andréa Maria da Silva

CANDOMBLÉ: um olhar desvinculado do racismo religioso

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(as): Profa. Ms. Valéria Fernandes de Carvalho e Rosiane Cardoso

Rio de Janeiro

2018

*Dedico carinhosamente esse trabalho a minha
Iyalorisá e amiga, Livania.
E à Obá, dona do meu orí e do meu mais puro amor.
Obá Sírè!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional, incluindo a bolsa de Iniciação Científica concedida.

Agradeço à minha orientadora, profa. Ms. Valéria Fernandes de Carvalho, por ter aceitado o desafio de me orientar num tema tão complexo.

Agradeço à minha mãe Severina, meu pai José e minha irmã Amanda por todo apoio, carinho e paciência. Por terem acreditado em mim e me incentivarem sempre a conquistar meus objetivos.

Agradeço às amigas que fiz durante esses quatro anos na EPSJV que com certeza foram uma das maiores riquezas que esse lugar pôde me proporcionar.

Agradeço infinitamente à minha Iyalorisá Livanía por ter me (re)apresentado Obá. E também pelo carinho, amizade e conhecimento passado acerca do Candomblé.

Agradeço imensamente ao prof. Dr. Murilo por toda contribuição nesse trabalho que, mesmo sendo um tema fora da sua área, se dedicou a me auxiliar. Obrigada!

Mulher
Nanã, Oxum e Yansã
Ewá, Obá, Yemanjá
Dulcíssimas Yabás
Cantem pra trazer a
paz. Dancem pra
cuidar de nós
(Marcos Rezende)

RESUMO

A proposta da pesquisa em tela é apresentar um olhar para o Candomblé, desvinculado do senso comum e do preconceito, a fim de contribuir para que a diversidade religiosa seja aceita, reconhecida e respeitada. O projeto será desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa e usará como estratégias de pesquisa a revisão da literatura. O presente projeto tem como objetivo compreender essa vertente religiosa de um modo geral para que haja um entendimento básico acerca do Candomblé; analisar a figura feminina destacando sua importância e construção para desenvolvimento dessa religião; como a mesma influenciou e continua influenciando na vida dessas mulheres; e as Iyabás (orisás femininos) que as inspiram e empoderam. A monografia será dividida em dois capítulos: o primeiro, intitulado *uma visão geral do Candomblé*, será dedicado à abordagem de alguns dos principais fatores constitutivos desta vertente religiosa; o segundo capítulo, intitulado *a figura feminina no Candomblé*, será dedicado à compreender a importância das mulheres nessa religião; como as mesmas contribuem para o desenvolvimento do Candomblé, e a representação desse espaço como um local de resistência e valorização feminina. Dando destaque às Iyabás.

Palavras-chave: Candomblé; feminino; Iyabás.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 07 |
| OBJETIVOS | 09 |
| METODOLOGIA | 09 |
| CAPÍTULO 1: CANDOMBLÉ: UMA VISÃO GERAL | 11 |
| 1.1 ITÃS (MITOS) | 14 |
| 1.2 A RELAÇÃO EXISTENTE NO CANDOMBLÉ COM A NATUREZA (FOLHAS E OS QUATRO ELEMENTOS) | 16 |
| 1.3 AS CORES, ROUPAS, FERRAMENTAS, REPRESENTAÇÃO DAS DANÇAS, CANIGAS E ILEKES | 17 |
| 1.4 QUALIDADES/CAMINHOS | 18 |
| 1.5 HIERARQUIA | 19 |
| CAPÍTULO 2: A FIGURA FEMININA NO CANDOMBLÉ | 21 |
| 2.1 OBÁ/YOBA | 24 |
| 2.2 YEWÁ | 26 |
| 2.3 OYA/ANSÃ | 27 |
| 2.4 OSÚN | 27 |
| 2.5 NANÃ | 28 |
| 2.6 YEMONJÁ/ IEMANJÁ | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 31 |

INTRODUÇÃO

“A religião é aquilo que existe pra nos fazer melhor. Não melhor do que as outras pessoas, mas o melhor que nós possamos ser a cada dia, a gente pode se superar em termos de fazer o bem. E pra isso não existe um caminho. Não é possível que Deus só tenha aberto uma porta. Eu acredito que o céu tem muitas portas e não interessa que caminho a gente caminha pra chegar até Deus, o que importa é como nós somos”. (Equede Iray Gairão, Mulheres de Axé.)

A presente monografia uma religião afrodescendente específica, o Candomblé, mais precisamente, da nação ketu¹. A ideia é fazer uma apresentação geral de como o credo candomblecista se estrutura, para, em seguida, focalizar o que me interessa compreender mais especificamente: a importância da figura feminina no Candomblé.

As religiões têm um papel muito importante nas sociedades, para a formação das culturas. As narrativas míticas (histórias que buscam, em geral, explicar a origem, a formação, os porquês de algo ser como é, numa determinada visão de mundo, para aqueles que a compartilham) orientaram e ainda orientam a vida de muitas pessoas. Numa sociedade como a nossa, que é predominantemente cristã, vemos a grande importância que a Bíblia Sagrada (que pode ser considerada um conjunto de mitos judaicos e cristãos) exerce sobre a vida de quem acredita nela como a palavra de Deus. Não é incomum ouvir a frase “mas está na Bíblia”, como uma forma usada pelo indivíduo para ‘comprovar’ que aquilo que ele diz seria verdade. Isto é, as narrativas míticas e religiosas têm uma pretensão de explicar uma verdade que deveria ser adotada por muitas, até mesmo todas as pessoas (no caso de religiões proselitistas, aquelas que pretendem converter/convencer pessoas).

As ‘verdades’, portanto, de uma religião influenciam os modos como os componentes de uma sociedade pensam, sentem, descrevem, enfim, entendem e se relacionam com o mundo em que vivem. Claro que não é somente a religião que exerce essa função, mas ela é um dos elementos de constituição de visões de mundo bastante relevante.

Um dos focos das narrativas mítico-religiosas diz respeito à função da mulher. Não tenho a intenção de abordar várias vertentes religiosas. Mas, para mostrar a pertinência do que afirmo, gostaria de citar alguns exemplos. O conhecido mito grego de Pandora, por exemplo, atribui à

¹ Ketu é uma espécie de subconjunto ou segmento do candomblé. As nações do candomblé são diferenciadas pelos dialetos utilizados nos rituais, o toque dos atabaques, a liturgia e, também, a origem dos africanos (escravizados). Ketu, antigo reino yorùbá, está situada (uma região) na República de Benim.

mulher uma função negativa, pois ela foi criada para punir os homens, carregando com ela vários males dentro de um jarro (ou caixa, como ficou mais conhecido). No mito de origem hebraico, a mulher, que veio de um pedaço do homem (Adão), é responsabilizada por convencer este a fazer algo que Deus havia proibido. Nos dois casos, é como se a mulher fosse responsável pela origem do mal (do pecado, no caso judaico).

De acordo com Tyree (1998, s/p.),

Esta idéia de uma identidade feminina persistiu da Grécia clássica até hoje. De Eva até Pandora, este mito da mulher como a "beleza malévola" tem moldado a percepção do sexo feminino através da história. Este ponto de vista tem tido efeitos prejudiciais sobre o status das mulheres. Ele tem caracterizado as mulheres como sendo presentes para os homens, jarros vazios usados para a reprodução, portadoras de todo mal, sedutoras, como punição para os homens e como propriedade deles. Tanto o mito grego de Pandora quanto o relato bíblico de Eva, exemplificam esta caracterização das mulheres. Os paralelos entre Eva e Pandora são esmagadoramente óbvios. Suas identidades eram tão similares que o mito grego de Pandora foi usado na criação da doutrina cristã.

Segundo a abordagem de Klein (2013) sobre o lugar/papel das mulheres nas religiões (Judaísmo, Budismo, Anglicanismo, Catolicismo, Islamismo e Hinduísmo), fica claro que, com as particularidades de cada uma delas, a mulher não exerceu papel de destaque. Se focalizarmos especialmente a função sacerdotal (de liderança religiosa), isso fica bem claro. De acordo com Tamayo (apud CORDOVIL, 2016, p. 117), “as religiões nunca se deram bem – e ainda hoje não se dão – com as *mulheres*, que são *as grandes esquecidas e as grandes perdedoras*. As religiões *têm exercido todo tipo de violência contra as mulheres: física, psicológica, religiosa e simbólica*”.

Se destacarmos o cristianismo, nas suas mais variadas vertentes, para os homens ficou, quase com exclusividade, separada as funções tidas como mais importantes (celebrar rituais fundamentais, por exemplo). A autora aponta que algumas mudanças estariam ocorrendo², mas será que um dia teremos uma papisa, ou seja, uma mulher será a ‘chefe’ da Igreja Católica?³

² Há, por exemplo, casos de mulheres ordenadas pastoras em algumas igrejas evangélicas no Brasil (por exemplo, <http://cidadederefugio.com.br/sobre-a-igreja/as-pastoras/>, embora isso ainda desperte muitas controvérsias (ver, por exemplo, <http://www.abiblia.org/ver.php?id=3383>, <http://www.cacp.org.br/ordenacao-de-pastora-o-que-a-biblia-diz/> e http://www.womenpriests.org/pr/story_pr.asp).

³ Há, na história, algo que é considerado como uma fábula, segundo a qual uma mulher (Joana) que teria exercido tal função. Mas essa é uma possibilidade que causa muita polêmica, de modo que não a considerarei como um fato histórico.

Considerando esse lugar/papel secundário, marginal ou coadjuvante dado às mulheres em variadas religiões, o que pode ter influenciado o valor/papel dado a elas nas sociedades, penso que seja interessante compreender como as mulheres eram e são vistas nos mitos e religiões afrodescendentes, mas propriamente, como já disse, no Candomblé. Será que, no Candomblé, a mulher também é vista como uma fonte de mal, de engano, um ser que desvia o homem do reto caminho, afastando-o dos deuses? Será que as mulheres, nos rituais, também ficam à margem, ou elas teriam um papel fundamental? As mulheres teriam menos poderes, seriam frágeis e, portanto, submissas aos homens, ou seriam encaradas como guerreiras, seres em ‘pé de igualdade’ em relação a eles? Enfim, essas são algumas perguntas que eu gostaria de responder ao longo do meu trabalho.

OBJETIVOS

Dessa forma, a presente monografia tem como objetivo compreender essa vertente religiosa de um modo geral para que haja um entendimento básico acerca do Candomblé. A proposta da pesquisa em tela é apresentar um olhar para o Candomblé desvinculado do senso comum e do preconceito, a fim de contribuir para que a diversidade religiosa seja aceita, reconhecida e respeitada.

METODOLOGIA

Para tanto, a monografia está baseada na abordagem qualitativa. Usará como estratégia de pesquisa a revisão de literatura.

JUSTIFICATIVA

Como sabemos, o Brasil foi colonizado pelos europeus e, por conta disso, sofremos bastante influência desses povos e de suas culturas. No âmbito escolar, por exemplo, a história do país é toda construída na visão europeia. Em regra, a história do continente africano (dos seus povos), quando é abordada, é resumida a certos aspectos, como as violências sofridas e exploração da mão de obra, ignorando ou não aprofundando na riqueza cultural que os povos

africanos possuíam e trouxeram para as terras brasileiras, como, por exemplo, suas religiões. Como tudo que foge dos padrões eurocêntricos é visto de forma distorcida, com as crenças africanas não aconteceu o contrário, já que seus rituais e devoção são totalmente diferentes do que é visto nas igrejas cristãs, conseqüentemente sendo alvo de grande preconceito, discriminação, violências raciais e desvalorização até os dias atuais.

Abordar o tema sobre o Candomblé em um trabalho científico é uma forma de quebrar barreiras eurocêntricas (que sempre tentam apagar a história africana e afro-brasileira), mostrar pelo menos um pouco sobre o que é a religião, desconstruindo essa imagem imposta pelas crenças de origem europeia e contribuir para o fim do racismo religioso.

Já frequentei algumas religiões: Católica, Evangélica e espiritismo, porém em nenhuma delas consegui me sentir à vontade espiritualmente, até descobrir o Candomblé. Ao conhecer essa religião, percebi que era isso que faltava na minha vida, uma fé, algo em que eu pudesse confiar e me sentir bem. Dessa forma, minha concepção religiosa mudou e comecei a me incomodar com os preconceitos que as religiões afro-brasileiras sofrem. Como Ekedj de Obá confirmada para Yewá e, claro, estudante, escrever uma monografia sobre o Candomblé é uma forma de enfrentar a intolerância religiosa e mostrar para as pessoas que não conhecem, um pouco sobre o que é essa religião, aprimorando também o meu conhecimento.

No presente capítulo, farei uma abordagem do Candomblé sem contemplar todas as suas características. Minha ideia é destacar alguns dos seus pontos que podem ser considerados importantes para compreendê-lo. Contudo, esses pontos não serão muito aprofundados. Ou seja, meu objetivo é fazer uma abordagem, por assim dizer, ‘mais geral’ dessa religião.

O Candomblé foi formado pelos diversos povos africanos escravizados na época da colonização. Segundo Prandi (2004, p. 223), Candomblé é a “religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX”. Mais especificamente, em outro texto, Prandi (2001, p. 44) afirma que:

O candomblé [...] é a religião dos orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir de tradições de povos iorubás, ou nagôs, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes, e residualmente por grupos africanos minoritários. O candomblé iorubá, ou jeje-nagô, como costuma ser designado, congregou, desde o início, aspectos culturais originários de diferentes cidades iorubanas, originando-se aqui diferentes ritos, ou nações de candomblé, predominando em cada nação tradições da cidades ou região que acabou lhe emprestando o nome: queto, ijexá, efã.

Segundo Silva (2009, p. 39)

[...] A religião dos orixás logo se misturou com o culto aos voduns, do povo fon do Daomé, também escravizado, dando origem ao Candomblé chamado ketu-jeje ou jeje-nagô. Mas também a religião dos inkices, de origem banto, recebe o nome de Candomblé, é o Candomblé de Angola. [...] As origens do Candomblé estão na colonização do Brasil. Mas ao contrário da crença comum, o Candomblé não é uma religião africana, mas sim um conjunto de cultos e religiões nascidos no Brasil a partir de estruturas religiosas africanas. Mesmo os cultos mais puristas do Candomblé, ou seja, os que ainda mantêm a língua iorubá original, como é o caso de vários terreiros baianos, nasceram mesmo na América [...].

Candomblé é uma religião que possui o que podemos chamar de *vertentes*. Ou seja, é como se houvesse Candomblés. Prandi (2001, p. 44)

[...] candomblé baiano, que proliferou por todo o Brasil, tem sua contrapartida em Pernambuco, onde é denominado xangô, sendo a nação egba sua principal manifestação, e no Rio Grande do Sul, onde é chamado batuque, com sua nação oió-ijexá (Prandi, 1991). Outra variante iorubá, esta fortemente influenciada pela religião dos voduns daomeanos, é o tambor-demina nagô do Maranhão. Além dos candomblés iorubás, há os de origem banta, especialmente os denominados candomblés angola e congo, e aqueles

de origem marcadamente fom, como o jeje-mahim baiano e o jeje-daomeano do tambor-de-mina maranhense.

As variantes do Candomblé desenvolveram no Brasil de modo diferente, como afirma Prandi (2001, p. 44):

Foram principalmente os candomblés baianos das nações queto (iorubá) e angola (banto) que mais se propagaram pelo Brasil, podendo hoje ser encontrados em toda parte. O primeiro veio a se constituir numa espécie de modelo para o conjunto das religiões dos orixás, e seus ritos, panteão e mitologia são hoje praticamente predominantes. O candomblé angola, embora tenha adotado os orixás, que são divindades nagôs, e absorvido muito das concepções e ritos de origem iorubá, desempenhou papel fundamental na constituição da umbanda, no início do século XX, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Hoje, todas essas religiões e nações congregam adeptos que seguem ritos distintos, mas que se identificam, nos mais diversos pontos do país, como pertencentes a uma mesma população religiosa, o chamado povo-de-santo, que compartilha crenças, práticas rituais e visões de mundo, que incluem concepções da vida e da morte. Terreiros localizados nas mais diferentes regiões e cidades interligam-se através de teias de linhagens, origens e influências que remetem a ascendências que convergem, na maioria dos casos para a Bahia, e que daí apontam, no caso das nações iorubás, para antigas e, às vezes, lendárias cidades hoje situadas na Nigéria e no Benim.

A existência dessa religião ainda hoje se deu pela forte resistência desses povos que, mesmo num território não familiar e não acolhedor, continuaram, mesmo que de forma adaptada, a cultuar seus orixás⁴ em meio a tanta exploração e violência praticadas pelo homem branco europeu. Atualmente, ainda é perceptível o preconceito e o desrespeito em relação às religiões de matriz africana. Discursos de ódio e atos violentos contra os terreiros e candomblecistas vindo de outros praticantes religiosos não são incomuns^{5,6}.

[...] No Brasil, os negros que pra cá foram trazidos, sentindo a necessidade e procurando salvar suas tradições, recriaram um ritual bem próximo ao que realizavam na terra-mãe. E, com certeza, conseguiram, pois o candomblé pouco perdeu suas características fundamentais e tradicionais! (KILEUY E OXAGUIÁ, 2011, p. 32).

⁴ A letra “S” com um ponto embaixo faz som de “X” em Yorubá , como no nosso alfabeto essa letra não existe, utilizei apenas o “S”.

⁵ Terreiro de candomblé é depredado e incendiado em Luziânia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/terreiro-de-candomble-e-depredado-e-incendiado-em-luziania.ghml>>. Acesso em: 06 out. 2018.

⁶ Terreiro é incendiado em Jundiá/SP. Disponível em: <<http://midianinja.org/editorninja/terreiro-e-incendiado-em-jundiaisp/>>. Acesso em: 06 out. 2018.

Durante a colonização, a religião predominante e imposta pelos portugueses era o Catolicismo, culto esse, desconhecido pelos escravizados, mas que mesmo assim eram forçados a aprender e “adorar”. Os colonizadores viam a sua religião como superior e como a única legítima, proibindo os africanos de cultuar suas crenças, que eram vistas como demoníacas na visão da igreja católica pelo fato de haver outros Deuses, ocorrer possessões, rituais diferentes etc.

Como eram proibidos de praticar suas religiosidades, passaram a realizá-la às escondidas. Visto que já havia cultos (católicos), os escravizados enterravam seus assentamentos⁷ embaixo das imagens católicas e rezavam para os seus orisás em seu idioma, *Yorubá*, fingindo estarem adorando os santos daquela religião. Isso, dentre outros fatores, deu origem ao sincretismo, que é uma relação/ligação/fusão de diferentes cultos. Tema importante, mas que não será analisado aqui.

Essas ‘misturas’ futuramente influenciaram (em grande ou menor proporção) na criação das religiões afro-brasileiras “Enquanto algumas das religiões afro-brasileiras se tornaram mais próximas das religiões cristãs, outras optaram por manter as tradições africanas ou reconstruí-las” (CORDOVIL, 2016, p. 122), como é o caso do Candomblé, que tentou se manter o mais próximo da tradição africana. Como por exemplo, a conservação do idioma em Yorubá em seus rituais, cantigas, rezas, etc. Diferentemente da Umbanda, que possui forte influência do espiritismo, cristianismo e religiões ameríndias. Utilizando o português em seus ritos, cânticos, etc.

Outra diferença importante em relação às religiões monoteístas, que podemos considerar predominantes (em número de seguidores), especialmente no Ocidente, o Candomblé não possui nenhum documento ou livro sagrado (como a Bíblia) que transmita os ensinamentos e definições. Ou seja, é uma religião que só se aprende tendo contato próximo com algum representante religioso, Pais e Mães de Santo, os quais também só tiveram esses conhecimentos porque lhes foram passados por seus antepassados. Como é uma religião bastante antiga, muitos fundamentos foram se perdendo ao longo desses anos.

De acordo com Prandi (2001, p. 53),

Os iorubás só conheceram a escrita com a chegada dos europeus. Assim, todo o conhecimento tradicional baseia-se na oralidade. Mitos, fórmulas rituais, louvações, genealogias, provérbios, receitas medicinais, encantamentos, classificações botânicas e zoológicas, tudo é memorizado [...]. Os velhos são os depositários da cultura viva do povo e a convivência com eles é a única maneira de aprender o que eles sabem [...]. O

⁷ Representação física/simbólica do orisá.

ancião detém o segredo da tradição. Sua palavra é sagrada, pois é a única fonte de verdade.

Após essa apresentação genérica, gostaria de destacar alguns elementos: (1.1) Itãs (mitos); (1.2) A relação existente no Candomblé com a natureza (folhas e os quatro elementos); (1.3) As cores, roupas, ferramentas, representação das danças, cantigas e ilekes; (1.4) Qualidades/caminhos; (1.5) Hierarquia, de forma a possibilitar uma maior compreensão básica acerca dessa religião.

1.1 Itãs (mito)

As narrativas míticas fazem parte das mais diversas sociedades. Como fundamento das concepções de mundo mais estabelecidas nelas, os mitos (muitas das vezes relacionados às religiões) constituem parte importante do que somos. Segundo Santos (2005, p. 23), referindo-se a Geertz, “[...] os significados fornecidos pela religião são armazenados em símbolos, esses mesmos símbolos por sua vez são dramatizados em rituais e relatados em mitos. Os símbolos religiosos funcionam para o crente como uma espécie de síntese que diz como o mundo se apresenta, quais os valores que ele valida e como se deve nele agir”.

Impossível falar sobre a religião candomblecista, e não citar os itãs e a importância que os mesmos trazem. As celebrações, rituais e tudo que corresponde aos valores do Candomblé, são baseadas na mitologia africana, ou seja, nos itãs. Vale ressaltar que esse é um conceito primordial porque implicará diretamente todos os quesitos na sequência. Falando sobre os novos adeptos do candomblé, Prandi (2001, p. 19) afirma que esse segmento

[...] encontrou nos mitos exemplificações e sentidos para práticas e concepções do candomblé, descobrindo que o mito está impregnado nos objetos rituais, nas cantigas, nas cores e desenhos das roupas e colares, nos rituais secretos da iniciação, nas danças e na própria arquitetura dos templos e, marcadamente, nos arquétipos ou modelos de comportamento do filho-de-santo, que recordam no cotidiano as características e aventuras místicas do orixá do qual se crê descender o filho humano.

Esses mitos, segundo Prandi (2001, p. 24)

[...] Falam da criação do mundo e de como ele foi repartido entre os orixás. Relatam uma infinidade de situações envolvendo os deuses e os homens, os animais e as plantas,

elementos da natureza e da vida em sociedade. Na sociedade tradicional dos iorubás, sociedade não histórica, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nessa e na outra vida.

Como já dito, os itãs são fundamentais para o funcionamento dessa religião. Ele está presente em diversos fatores que constitui a mesma, inclusive em um dos seus principais instrumentos: o *mèrín de lògún* (jogo de búzios). Sendo esse, muitas vezes, o primeiro contato alguém com o Candomblé. Observamos também em, segundo Santos (2005), a festa de Candomblé, como uma festa ritual, que inclui a comunicação dramatizada do conteúdo dos mitos por meio da música, do canto, da linguagem gestual, dos símbolos e das suas imagens, o que reforça a importância dos mitos para essa religião.

Odús

Primeiramente cabe dizer que Odús são conjuntos de histórias que constituem um discurso mítico, ou seja, que tem pretensão de explicar algo fundamental da cultura religiosa do povo Iorubá. De acordo com Prandi (2001, p. 18), odu é um segmento de um determinado capítulo mítico, que “[...] contém a história capaz de identificar tanto o problema trazido pelo consulente como sua solução, seu remédio mágico, que envolve sempre a realização de algum sacrifício votivo aos deuses, os orixás”.

Conta o itã que Esú (também chamado de mensageiro), a pedido de Orunmilá (o deus do oráculo), fosse de aldeia em aldeia, ouvindo da população todas as histórias que envolvessem dramas vividos pelo homem e todos os seres terrestres e divinos. Teria também de se informar sobre as atitudes adotadas e oferendas realizadas as divindades para chegar a solução mais agradável nesses contratemplos.

Esú recolheu inúmeras histórias, tendo para si todo o conhecimento de problemas e soluções, e como se dá o processo de um para o outro. Logo, teria consigo, segundo Prandi (2001, p. 17),

[...] todo o conhecimento necessário para o desvendamento dos mistérios sobre a origem e o governo do mundo, mulheres e crianças e sobre os caminhos de cada um na luta cotidiana contra os infortúnios que a todo momento ameaçam cada um de nós, ou seja, a pobreza, perda dos bens materiais e de posições sociais, a derrota em face do adversário traiçoeiro, a infertilidade, a doença e a morte.

Orunmilá recebeu todo esse saber e compartilhou com seus adeptos que possuem contato direto com o oráculo (meio comunicativo entre orisá e humano), ou seja, os sacerdotes. No processo religioso, para assumir tal função, todas essas informações são ensinadas para que diante do oráculo o mesmo consiga decifrar o que está sendo dito. Todas essas experiências que foram recolhidas por Esú se repetem nos dias atuais, ou seja, para o povo Iorubá, nada é novo, todas as situações vividas atualmente podem ser interpretadas à luz do itã.

Exemplificando, vejamos o que Prandi (2001, p. 18) afirma:

O babalaô precisa saber em qual dos capítulos e em que parte encontra-se a história que fala dos problemas do seu consulente. Ele acredita que as soluções estão lá e então joga os dezesseis búzios, ou outro instrumento de adivinhação, que lhe indica qual é o *odu* e, dentro deste, qual é o mito que procura. Acredita-se que Exu é o mensageiro responsável pela comunicação entre o adivinho e Orunmilá, que é quem da a resposta [...].

Por fim, sobre esse ponto, cabe destacar que essa arte de adivinhação sobrevive na África e em outros lugares (por exemplo, no Brasil), sendo parte importante da experiência religiosa dos praticantes de candomblé.

1.2 A relação existente no Candomblé com a natureza (folhas e os quatro elementos)

As relações com elementos da natureza também caracterizam o Candomblé. De acordo com Léo Neto e Alves (2010, p. 569), “Os orixás são associados a elementos da natureza, fenômenos meteorológicos como a chuva e o arco-íris, certas plantas e animais [...]”

Ainda segundo os autores (2010, p. 569),

[...] a natureza torna-se sagrada na medida em que a mesma assume uma representação viva das suas divindades, ou, às vezes, mais do que isso, chegando ao ponto dos orixás serem considerados a própria natureza. A partir desta visão, a natureza torna-se intocável, divina, parte integrante e essencial da religião. Deixa-se de ter uma simples associação orixá / natureza para ser orixá = natureza.

Na cultura dos orixás, cada um deles representa uma ou mais forças da natureza relacionada aos quatro elementos (terra, ar, água e fogo). Darei dois exemplos em cada: Terra – Omolú e Osumare; Ar – Osoguiã e Oya(Iansã); Água – Yemonjá e Yewá; Fogo – Esú e Ogun.

Cada orisá possui sua própria folha, que quando extraída libera uma substância na qual representa o sangue vegetal, que é essencialmente utilizada no ritual de iniciação de seus respectivos filhos. Como são de origem africana, muitas folhas se perderam ou não foram trazidas pelos escravizados, ocasionando a perda no culto de alguns.

1.3 As cores, roupas, ferramentas, representação das danças, cantigas e ilekes.

O candomblé é uma religião com um vasto potencial simbólico, com estreita ligação com o universo sagrado da música, da dança e outras técnicas corporais, além de guardar segredos do uso de plantas e ervas medicinais. (MOTA E TRAD, 2011, p. 326).

As cores, roupas, ferramentas (instrumentos) presentes nos orisás quando incorporados, vão mais além de decoração e caprichos, a escolha para cada um desses quesitos está baseada nos itãs. De acordo com essas características, muitas vezes se é possível identificar os orisás e até mesmo, em alguns casos, a sua qualidade (caminho). É comum, em sua maioria, identificar uma Oya (Iansa) pelas suas vestimentas de cores quentes que remetem a terra, por exemplo: marrom, terra cota e vinho. Ou uma Osún com suas vestes amarelas e douradas, representando o ouro.

Muitos, se não todos, carregam um ou mais instrumentos que, numa definição mais superficial, mostra o modo como levavam a vida. Por exemplo, um orisá caçador carrega consigo um ofá, que é simbolização do arco e flecha. Outro exemplo são os orisás da guerra que utilizam adaga ou espada.

Por meio das cantigas é representada parte das histórias vividas por cada orisá (itãs), esse é o momento em que os mesmos, incorporados em seus filhos, dão vida aos seus respectivos itãs utilizando suas devidas roupas e ferramentas. “A dança dos orixás é uma representação dramática de ações, comportamentos e sequencias fornecidas pela mitologia do candomblé” (SANTOS, 2005, p. 93).

Os ilekes, também conhecido como “fios de conta”, são ‘cordões’ utilizados por todos os praticantes de candomblé. Dentro da religião é considerado uma jóia, já que é de certo modo uma ligação entre homem e seu orisá. O Ileke pode nos trazer muitas informações em relação a pessoa que está usando, como por exemplo, seu orisá e tempo de iniciação. Alguem que esteja com um ilike todo branco sem muito capricho, provavelmente será um abian, já outra com um mais

requintado com búzios africanos, por exemplo, com certeza é uma pessoa que está num cargo maior em relação a hierarquia.

1.4 Qualidades/Caminhos

Para Prandi (2001, p. 20), os orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, também chamado de Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana. Os principais orixás cultuados aqui no Brasil são: Esú, Osossi, Sango, Yewá, Oya (Iansã), Obá, Nanã, Osún, Logunedé, Ogun, Ossain, Iroco, Omolú, Osumare, Yemonjá (Iemanjá) e Osalá.

Ainda segundo o autor, os orixás possuem características que os aproximam dos humanos, ao contrário do que se vê, por exemplo, no cristianismo, em que as figuras celestiais (anjos, santos e afins) se diferenciariam fortemente de nós. Conforme Prandi (2001, p. 24),

os orixás vivem em luta uns contra os outros, defendem seus governos e procuram ampliar seus domínios, valendo-se de todos os artifícios e artimanhas, da intriga dissimulada à guerra aberta e sangrenta, da conquista amorosa à traição. Os orixás alegram-se e sofrem, vencem e perdem, conquistam e são conquistados, amam e odeiam. Os humanos são apenas cópias esmaecidas dos orixás dos quais descendem.

Uma pessoa no decorrer do seu ciclo de vida, vai amadurecendo com o tempo, dessa forma, é provável que seus pensamentos/atitudes mudem durante esse período. Por exemplo, é comum que a sua forma física, pensamentos, atitudes na adolescência, se alterem quando adulto.

As qualidades/caminhos dos Orixás correspondem às fases da vida do mesmo. Os itãs contam histórias vivenciadas em vários momentos pelos Orixás. Segundo Prandi (2001),

Cada orixá pode ser cultuado segundo diferentes invocações, que no Brasil são chamadas de qualidades e em Cuba, caminhos. Pode-se, por exemplo, cultuar uma Iemanjá jovem e guerreira, de nome Ogunté, uma outra velha e maternal, Iemanjá Sabá, entre outras. Assim, cada orixá se multiplica em vários, criando-se uma diversidade de devoções, cada qual com um repertório específico de ritos, cantos, danças, paramentos, cores, preferências alimentares, cujo sentido pode ser encontrado nos mitos (PRANDI, 2001, p. 24).

1.5 Hierarquia

O candomblé caracteriza-se entre outras coisas, por ser uma religião iniciática e de possessão extremamente ritualizada, em que os ritos são um acesso privilegiado às demais dimensões que o estruturam como o tempo, espaço, corporalidade, conduta, hierarquia, cargos, nomeação, panteão, etc. (SILVA, 1995, p. 121 apud SANTOS, 2005, p. 37).

Dizemos que o Candomblé é uma religião “fechada”, isso porque há uma preservação muito grande de alguns ensinamentos e rituais que acontecem dentro de uma casa de santo, os chamados *fundamentos*. Esses segredos não se limitam apenas às pessoas que estão de fora, que não possuem contato direto com a religião, mas também aos praticantes. Para esses, é essencial terem em mente que há todo um processo de evolução espiritual dentro do barracão⁸ e aos poucos, no decorrer dessa vivência, vão presenciar todo esse mistério encantador. Seguindo a tradição para os que estão por vir. Isso requer humildade e paciência.

[...] tem de aprender que tudo tem sua hora, mas que essa hora não é simplesmente determinada pelo relógio e sim pelo cumprimento de determinadas tarefas, que podem ser completadas antes ou depois de outras, dependendo de certas ocorrências, entre as quais algumas imprevisíveis, o que pode adiantar ou atrasar toda a cadeia de atividades. (PRANDI, 2001, p. 45)

As casas de candomblé possuem uma hierarquia. No topo está a mãe/pai de santo, em seguida as *ekedjs* e *ogans*. Na sua base, estão os *abians*, que são aqueles filhos de santos que não passaram pelo ritual de iniciação. Quando iniciado, esse *abian* se torna um *yawo*, caminhando para o último estágio: se tornar um *egbomi* (irmão mais velho). Esse processo dura em cerca sete anos. Pós isso, alguns se mantêm como *egbomi*, outros recebem cargos (responsabilidades dentro da casa de santo) ou recebem a ‘missão’ de dar continuidade à religião, tendo a liberdade de construir seu próprio templo, se tornando então, mãe/pai de santo. Vale ressaltar que todos os cargos dados não são de vontade humana (sacerdotes) e sim das divindades (*Orisás*), por meio do oráculo.

A hierarquia, contudo, não isenta ninguém de trabalho! Ela só delimita espaços, organiza a comunidade, promove ordem, delega funções e responsabilidades! A hierarquia também prepara novas pessoas para novas funções, pois o *iaô* de hoje será o *babalorixá*

⁸ Local em que são realizados os rituais, também chamados de terreiros ou casa de Santo.

amanhã. Ele precisa conhecer bem os meandros das diversas grauações para poder retransmiti-las. (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p.51)

O seguimento dessa hierarquia é importante porque, ainda segundo o autor:

Muitos iniciados estão “queimando” etapas, se tornando primeiramente sacerdotes para, depois aprenderem o necessário e fundamental! [...] A hierarquia, em qualquer setor da sociedade, define indivíduos com capacidade para liderar e assim ajudar um conjunto de pessoas a conviver pacífica e harmoniosamente em um mesmo local. (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p. 21)

É comum as ekedjs e ogans serem chamados respectivamente de ‘mãe’ e ‘pai’. São pessoas escolhidas (que não entram transe⁹) pelas divindade para cuidar dos mesmos e da casa de santo, enquanto os demais estão em transe.

Resumidamente, de modo que uma casa de santo existem diversos afazeres, mas que muitos são fundamentos, ou seja, não podem ser expostos, os ogans são responsáveis por tocar os atabaques, cantar e sacrificar os animais. As ekedjs por rezar, vestir os santos (quando virados nos filhos) e zelar o bem estar dos mesmos e dos demais.

⁹ Estado produzido pela incorporação da divindade.

CAPÍTULO 2: A figura feminina no Candomblé

Logo que todos os Orixás chegaram à terra, organizavam reuniões das quais mulheres não podiam participar. Oxum, revoltada por não poder participar das reuniões e das deliberações, resolve mostrar seu poder e sua importância tornando estéreis todas as mulheres, secando as fontes, tornando assim a terra improdutivo. Olorum foi procurado pelos Orixás que lhe explicaram que tudo ia mal na terra, apesar de tudo que faziam e deliberavam nas reuniões. Olorum perguntou a eles se Oxum participava das reuniões, foi quando os Orixás lhe disseram que não. Explicou-lhes então, que sem a presença de Oxum e do seu poder sobre a fecundidade, nada iria dar certo. Os Orixás convidaram Oxum para participar de seus trabalhos e reuniões, e depois de muita insistência, Oxum resolve aceitar. Imediatamente as mulheres tornaram-se fecundas e todos os empreendimentos e projetos obtiveram resultados positivos. Oxum é chamada Iyalodê (Iyaláôde), título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre as mulheres da cidade (SEM AUTOR, s/d).¹⁰

Começo esse capítulo com um itã de Osún (orisá femino que será apresentado no decorrer desse capítulo) que mostra como o poder femino e sua importância, às vezes, não é percebida ou valorizada. Osún que é a dona da fertilidade, quando proibida de participar das reuniões pelo fato de ser mulher, se revolta e usa seu poder deixando inférteis as mulheres e a terra. Os orisás masculinos ao perceberem essa degradação, consultam Olorum, que os aconselha a procurar Osún. Desse modo, com tudo normalizado, os orisás masculinos percebem como a figura feminina, que nesse caso é assumida por Osún, é tão importante quanto à deles. A partir desse enfrentamento de Osún, todas as demais Iyabás (orisás femininos) puderam participar das reuniões e deliberações.

Ao observarmos os terreiros/casas de Candomblé é perceptível que há um maior número de mulheres em relação aos homens. E para além da quantidade, vemos que muitas dessas ocupam cargos de destaques, como de líder religioso, por exemplo, que não são vistos naturalmente nas demais religiões, já que na maioria, essa função só pode ser exercida pela figura masculina. Esse entendimento é reforçado pela pesquisa de Cordovil (2016, p. 120), que afirma que “a pesquisa corroborou um dado já apontado por pesquisadores que se debruçam sobre as religiões afro-brasileiras – a existência de uma grande quantidade de mulheres como sacerdotisas e líderes do culto, o que não exclui a liderança masculina”.

¹⁰ Oxum. Disponível em: <<http://www.casaiemanjaiassoba.com.br/oxum.html>>. Acesso em: 07. fev. 2019.

Nas religiões afro-brasileiras, particularmente, o sexo feminino parece ocupar uma posição de maior destaque em comparação às outras religiões. Podemos perceber que na religião católica, não é permitido às mulheres dirigir a cerimônia de maior destaque, que é missa. Nos templos evangélicos e pentecostais a situação se repete, pois a grande maioria de bispos é do sexo masculino. (BASTOS, 2009, p. 156)

Uma explicação para esse maior número se dá ao contexto histórico no final do período escravocata, em que as mulheres quando não iam prestar trabalhos domésticos, partiam para as feiras comercializar, em sua maioria, comidas típicas africanas (acarajés, abaras, etc). E com esse dinheiro conseguiam sustentar a si e seus filhos, comprar a liberdade de outros escravizados (alforria) e posteriormente arcar com as demandas religiosas “a influência das mulheres no candomblé se fazia sentir mais do que a dos homens, porque elas eram mais numerosas a poder comprar sua liberdade (como eram boas comerciantes, conseguiam dinheiro com mais facilidade que os homens)” (BASTOS, 2009, p.158).

Como já dito no começo desse trabalho, no período de venda/distribuição do povo negro africano aqui no Brasil, eles foram espalhados, separando as famílias e relações conjugais, que eram de certo modo corrompidas pelas condições enfrentadas. Por conta da realidade cruel vivenciada por esse povo, algumas relações afetivas entre eles não eram cultuadas/estimuladas. E como as mulheres trabalhavam e sustentavam seus filhos, elas assumiram a figura paterna.

As relações entre mulheres e os homens de raça negra [...] eram tensas e à escassez numérica das primeiras somaram-se outros inconvenientes. [...] os homens não podiam oferecer proteção ou qualquer outro benefício a suas possíveis mulheres; pelo contrário, muito provavelmente eles poderiam tornar-se seus dependentes e uma carga para elas. Assim, muitas mulheres negras rejeitaram casar-se ou tentar qualquer tipo de união com escravos ou seus descendentes (SEGATO, 2000, p. 82 apud BASTOS, 2009, p.159)

Observamos também esse maior número de mulheres em relação aos terreiros de “matriz”, ou seja, terreiros mais antigos e conservadores, como é o caso da Casa Branca. Fundado por três negras africanas muito conhecidas: Adetá, Iyakala e Iyanasô. No futuro deu origem a outros dois: Gantois e Opo Afonjá.

O terreiro Ilê Iyá Nassô (Casa de Mãe Nassô), é conhecido popularmente como Casa Branca do Engenho Velho, localizado em Salvador. Este terreiro, até onde se sabe, foi fundado no século passado por três ex-escravas iorubas, cujos nomes africanos eram Adetá, Iyakala e Iyanassô, vindas da cidade de Keto (SILVA, 1994, p. 59 apud BASTOS, 2009, p.158).

Nesses terreiros tradicionais há restrições para iniciação masculina, iniciam somente ogãs, pelo fato desses não poderem assumir futuramente o posto de sacerdócio. Logo, é esperado que o número de sacerdotisas (mães de santo) seja maior.

Em alguns terreiros, nos mais conservadores, a supervalorização das mulheres como dirigentes de terreiro ainda é predominante. Neles, há restrições para homens. [...] na Casa Branca, uma das mais tradicionais de Salvador, não há iniciação de homens prováveis pais de santo, há somente iniciação de ogãs. (BASTOS, 2009, p. 160)

O candomblé é uma religião iniciática, ou seja, existe um ritual de iniciação, conhecido popularmente como “fazer santo” ou “raspar santo”. O processo desse ritual se assemelha com características do nascimento de um ser. E é esse o propósito. Nascer novamente, só que para o orixá. Essa analogia nos faz entender basicamente como é uma religião mais matriarcal, em que a mulher é extremamente valorizada, porque é o único ser capaz de gerar outro ser.

Na nossa sociedade, é comum ouvirmos “lugar de mulher é na cozinha” num tom de desdém, autoritarismo e machismo. Porém dentro do candomblé, a cozinha é um dos cômodos mais importantes e sagrados, exigindo todo um cuidado especial e disciplina, de tal forma que para Kileuy e Oxaguiã (2011, p. 14) “A cozinha precisa estar imaculadamente limpa, com as pessoas falando em tom baixo e sem conversas inconvenientes. Rugas, desavenças precisam ser esquecidas! Ali todos devem sintonizar-se perfeitamente, pois estão a serviço dos orixás”.

A cozinha é o local onde tudo começa, onde são preparadas as comidas dos orixás, onde o asé, energia se concentram nesses afazeres porque logo após serões distribuídos. Sendo essa uma área restrita para homens. É uma atividade que somente mulheres atendem à todos esses quesitos, somente elas possuem essa ‘magia’. Exclusiva capacitação feminina. Ainda segundo esse mesmo autor (2011, p. 139) “Cozinhar é uma das tarefas mais cotidianas e de menor valor na maioria das civilizações. Porém, no candomblé, cozinhar para as divindades é uma função primordial e um privilégio de poucos, geralmente executada por mulheres muito especiais dentro da religião.” Vale ressaltar que numa casa em que o líder religioso seja um babalorixá (pai de santo), o mesmo pode acessar sua cozinha, porém com limitações principalmente em relação às Iyabás. Dessa forma, geralmente, conta com ajuda de uma Ekedj.

Percebemos que há uma divisão de funções/trabalhos entre homens e mulheres, como dado o exemplo acima. Porém da mesma forma que existem restrições para os homens, também

existe para as mulheres, como por exemplo, o sacrifício de animais (principalmente os de quatro patas) e tocar os atabaques, são funções masculinas.

Com certeza a acessibilidade feminina é bem mais vasta em relação à masculina. Entretanto vale ressaltar que não é uma guerra dos sexos, todos têm sua importância no direcionamento dessa religião. Porém enaltecer essa força/poder/valorização feminina é no mínimo satisfatório pra nós mulheres de terreiro, e principalmente as negras, vindo a partir do Candomblé e outras religiões afro-brasileiras um pouco das suas raízes e resistência.

Essas representações simbólicas profundamente reais para quem as vive na sua prática cotidiana são cultivadas e renovadas principalmente pela presença e pelo trabalho de mulheres em sua grande maioria negras no silêncio desses templos no interior dos quais elas são mães educadoras exemplares e agentes de um processo de resistência há quatro séculos reconstituindo a sociedade brasileira e afirmando a identidade afro-brasileira (SIQUEIRA, 1995, p. 437).

IYABÁS

2.1 OBÁ/YOBÁ

Obá Sîré!

Começo a falar sobre as Iyábas, por Obá. Um orisá raro de se encontrar e manifestar nas casas de santo, e isso se dá segundo Kileuy e Oxaguiã (2011) porque na sua feitura é necessário bastante cuidado, exigindo da Iyalorisá/babalosirá grande conhecimento acerca dos grandes e antigos orisás. Em alguns casos, quando identificado esse orisá numa pessoa, muitos recorrem ‘fazer’(iniciar) outros mais comuns, como Oya(Iansã) pro exemplo, porém se Obá não ceder, segundo Kileuy e Oxaguiã (2011, p. 286) “o sacerdote precisará seguir três caminhos: ser humilde e buscar o aprendizado; mandar que a pessoa procure alguém mais preparado; ou recorrer a outro mais sábio”. Outra questão que contribui pra esse menor número, é fato de Obá ser um orisá que não ‘roda’ na cabeça de homens, somente em mulheres.

Obá é uma Iyabá feiticeira, poderosa, que está sempre à frente na defesa das mulheres. Sendo líder da sociedade de Eleko¹¹, lugar esse, que homens não podem habitar.

A mitologia iorubá fala sobre uma sociedade feminina chamada Elecô, que é formada por guerreiras feiticeiras ambidestras que não têm os polegares. Essa maçonaria reúne as melhores guerreiras e amazonas e é o *euó* para os homens. Aquele que se aproxima de

¹¹ Sociedade exclusivamente feminina, formada por mulheres guerreiras, vedada à participação dos homens, cuja liderança é reportada à Obá.

Elecô, paga com a própria vida. Tudo sobre a sociedade Elecô é tabu, não nos sendo permitido muitos comentários a respeito. As guerreiras, membros da sociedade, manejam quaisquer armas com a mesma destreza, quer com a mão direita, ou esquerda, valendo-se dos oito dedos, como se fossem cem. (MARTINS, 2011, p. 79)

Ver que nesse tempo existiu uma figura feminina como chefe de uma sociedade onde somente mulheres podiam fazer parte, me faz pensar como essa cultura/mitologia africana se encarada com respeito, poderia ter contribuído para desconstrução do machismo presente na nossa sociedade.

Obá é um orisá forte, da luta e da guerra, ligada aos elementos terra e fogo. Segundo Kileuy e Oxaguiã (2011, p. 286), “O gosto pela batalha é o que movimenta Obá e lhe garante muita liderança. É neste ambiente que gosta de ser admirada e idolatrada [...]” não se limita para defender a si mesma e os seus. Considerada mais forte que muitos orisás masculinos, ela não foge uma luta e nunca entra para perder. Faz digno o poder que tem, e não desperdiça uma oportunidade de enaltecer a força feminina. Ela é valente, destemida, brava, uma verdadeira guerreira. Entretanto, é sensível ao amor. Sentimento esse que Obá não mede esforços e se entrega por inteiro. Ela se doa ao máximo por aquele em que deposita todo o seu mais puro afeto. E se estamos falando de amor e Obá, estamos falando de Sangó (Xango), por quem cortou sua própria orelha.

Segundo Dalçoquio (2012, s/p.)

Xango vivia com as suas três esposas Oba, Iansã e Oxum; elas viviam sempre disputando entre si quem conseguia a preferência do marido, sempre brigando, tentando fazer tudo melhor que as outras.

Um dia Oba entrou na cozinha e viu Oxum com um turbante cobrindo uma das orelhas e com um ar de pura felicidade, isso assustou Oba, que era a esposa mais ciumenta, então ela perguntou o motivo de tal alegria e Oxum respondeu que ela tinha preparado o melhor de todos os amalás (comida preferida de Xango, feita principalmente com quiabos), Obá mais que depressa quis saber o que o amalá dela tinha de tão especial, Oxum então falou que cortou uma das orelhas e pôs sobre a comida e que o marido adorava isso e começou a se gabar de como ele a encheria de carinhos após comer a iguaria, e assim foi, quando o marido chegou e comeu o amalá, encheu Oxum de mimos e carinhos; enfurecida pelos ciúmes Oba tratou de preparar um amalá bem feito e decepou uma das orelhas e colocou por cima da comida, no outro dia quando marido retornou para casa, viu a mesa posta e com uma bela gamela em cima, mas quando ele olhou para a gamela viu a orelha de Oba dentro não gostou nenhum pouco da mutilação da mulher e a repreendeu, Oxum que estava ao lado, sem turbante mexeu um pouco a cabeça para que o cabelo deixasse mostrar suas duas orelhas perfeitamente no lugar e ornadas com pesados brincos de ouro, desde então Oba cobre a orelha decepada, e quando vem em algum médium também vem cobrindo a mesma.

Oba é uma das três mulheres de Sango, junto à Oya (Iansã) e Osún. Era a mais velha e não se importava tanto com a vaidade como as outras duas. Achava esses tipos de ocupações fúteis e se dedicava as coisas que a seu ver, tinham mais utilidades. O que não quer dizer que seja uma mulher feia e desleixada.

Quando manifestada, leva uma mão na orelha decepada, que está coberta, geralmente, por uma folha. Suas vestimentas são de cores quentes, por exemplo, vermelho e laranja, e carrega consigo suas ferramentas: a adaga, o ofá e o escudo. Simbolizando e interpretando nas danças suas habilidades na guerra e na caça. Esse último aprendera com Osossi.

Essa mistura de extrema valentia, mas ao mesmo tempo sensível/amorosa, torna Obá um orisá fascinante. Que luta, briga, corrige, mas que ama seus filhos nessa mesma proporção e da forma mais pura.

2.2 YEWÁ

Irró!

Yewá ou Ewá assim como Obá, também é difícil de ser encontrada por conta do pouco conhecimento e complexidade no seu ritual de iniciação. É um orisá da guerra e da caça, e dona de uma beleza rara. Toda preparação para esse orisá deve ser feita por mãos femininas, homens não são permitidos mexer em seus aprestos, tampouco, serem iniciados para ela.

Divindade feminina da guerra e da caça, cultuada no rio Iewá na África, é dotada de raríssima beleza e seu nome pode ser traduzido como “senhora da beleza, da graciosidade”! Ela possui como principais atributos a possibilidade de se esconder, de se modificar.

É ela quem protege os lugares jamais habitados num modo geral, mas principalmente nas mulheres virgens, tendo aí uma forte ligação, para Kileuy e Oxaguiã (2011, p. 291) “Senhora da virgindade, é uma das grandes protetoras das mulheres e defensora daquelas que se mantêm puras e castas, mas que procura ajudar também as que tentam a procriação”.

É um orisá inconstante, de personalidade mutável. E isso influencia nas suas características dentro do terreiro.

Gosta muito de usar roupas com cores fortes e quentes, e, às vezes, com cores mais suaves, bem como de acordo com sua personalidade controversa! Percorre desde o amarelo-forte, o coral, o vermelho até o rosa, o azul, azul-turquesa e o branco. [...] A

dança de Iewá é muita harmoniosa. Em certos momentos, ela movimenta-se com calma e majestade, porém, de repente, passa a dançar com muita energia e voluptuosidade, transformando a dança num bailado com muito sincronismo e beleza. (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p. 291)

2.3 OYA/ IANSÃ

Eparrey!

Oya também conhecida como Iansã (“Iya Ossa” mãe dos nove), é um orisá inteligente, de uma beleza e sensualidade incomparável. De acordo com os itãs, foi companheira de diversos orisás aprendendo/ganhando poderes com cada um deles. De Sango recebeu o poder dos raios, com Ogun aprendeu a usar a espada e lutar, Com Osossi aprendeu a caça, com Osoguan recebeu o escudo e como se defender, com Esú aprendeu a usar o fogo nas magias e com Omólú ganhou o poder de controlar os mortos (eguns).

Oya se veste de roupas quente, quando incorporada utiliza a adaga e uma arma para espantar os eguns, chamada de: *èròsìn* (erolim) o que a faz se tornar conhecida popularmente como “mãe dos eguns”. Sua dança vai desde a suavidade de uma borboleta, até a força de um búfalo. “Como o búfalo está sempre à procura de novas paragens! Como as borboletas e andorinhas, seus bichos por excelência, domina os espaços aéreos e a todos encanta com suas manobras delicadas!” (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p.283)

Deusa do fogo e das tempestades, assim como Xangô tem domínio sobre os trovões, ela controla os raios. Seus símbolos rituais são a espada e o eiru (arma com que Iansã espanta os Eguns) e sua cor é o vermelho vibrante. Dança agitando os braços distendidos, simulando desencadear os elementos naturais e afastar o Eguns dos seres vivos. (CARNEIRO e CURY, 2017, p. 53)

2.4 OSÚN

Orayeyeo!

Osún muito conhecida e destacada por sua infinita beleza, vaidade e sedução é um orisá fortemente cultuado no Brasil, relacionada às águas doces e cahoreiras. Segundo Carneiro e Cury (2017) “Oxum é um orixá que habita as águas doces, condição indispensável para a fertilidade da terra e produção de seus frutos, donde decorre sua profunda ligação com a gestação [...] única mulher a conhecer os segredos do jogo da adivinhação, os búzios [...]”. Dona do ouro e da fertilidade, ela ilumina e aflora qualquer ambiente em que a mesma esteja presente.

Oxum (*Oṣun*) é a deusa da beleza e da meiguice, amulher-menina vaidosa e sedutora, a divindade do amor. É homenageada ao ter seu nome ligado a um rio africano que banha as regiões de Ilexá, Ijebu e Oshogbo, na Nigéria. [...] Juntamente com Iemanjá, Oxum possui, entre os iorubás, o título de iyálodê (iyálodè), o posto mais alto entre todas as mulheres de uma comunidade. (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p. 273)

Osún tem como instrumento adaga (dependendo da qualidade) e abébé, (espelho muito bem enfeitado) que faz referência a sua beleza e vaidade. Suas roupas e adereços são, na maioria, da cor dourada, simbolizando o ouro e riqueza desse orisá. Quando dança, faz de seu corpo um verdadeiro reinado, com movimentos delicados e graciosos.

Há uma forte ligação com as crianças, principalmente as que ainda estão no ventre de suas mães. Sendo muito procurada e chamada nessas situações.

[...] Senhora protetora da maternidade, guarda e protege as crianças desde o ventre da mãe até o nascimento, e as acompanha em seu crescimento, até que adquiram certa independência e saibam utilizar-se da comunicação. Oxúm é também é protetora das crianças que estão sendo geradas, evitando seus abortos e as complicações na gestação, ajudando no nascimento e provendo um bom parto para as mulheres [...]. (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p. 274)

2.5 NANÃ

Salubá, Nanã!

Nanã é um dos orisás mais velhos, deusa dos mistérios, dona das águas paradas e das lamas, de onde, segundo a mitologia africana, os seres humanos surgiram. Para Kileuy e Oxaguiã (2011) Nanã ao ter posse dos segredos das lamas, possui conhecimento do início, meio e fim de todo e qualquer ser sobrevivente.

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o Orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra, mas ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho de palma, e nada. Foi então que Nanã veio em seu socorro e deu a Oxalá a lama, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã. Oxalá criou o homem, o modelou no barro. Com o sopro de Olorum ele caminhou. Com a ajuda dos Orixás povoou a Terra. Mas tem um dia que o homem tem que morrer. O seu corpo tem que voltar à terra, voltar à natureza de Nanã. Nanã deu a matéria no começo mas quer de volta no final tudo o que é seu.¹²

¹² Disponível em: < <http://www.casaiemanjaiassoba.com.br/nana.html> > Acessado em 08. fev.19

Assim como Obá e Yewá, Nanã pouco se manifesta por conta da complexidade em seu ritual de iniciação, outro fator comum entre elas é a questão de só serem iniciadas em mulheres. Sua cor é o roxo, lilás (em algumas casas branco e/ou azul), tanto nas vestimentas quanto nos ilekes. Por já ser uma senhora, sua dança é lenta, porém ritmada. Seu instrumento é o ibiri (espécie de cetro com palha da costa) delicadamente enfeitado.

Ao chegar às festas, Nanã imediatamente recebe homenagens, porque sua aparição costuma ser rara. [...] Seus movimentos são lentos e precavidos, lembrando o andar vagoroso de uma anciã, porém levemente embalados pelo ritmo. Em alguns momentos necessita de auxílio, mas continua apresentando o porte digno e majestoso de uma senhora portentosa. Carrega o ibiri com suavidade e doçura. (KILEUY E OXAGUIÃ, 2011, p. 273)

2.6 YEMONJÁ (IEMANJÁ)

Odoya!

Yemonjá (Yèyè ómó ejá, “mãe dos filhos peixes”) é um orisá que tem consigo a beleza, a calma e também a agitação das águas, sendo muito respeitada e cultuada. Conhecida por diversos títulos como: “mãe de todos os orisás”, “mãe de todos os orís”, “mãe das águas”, “grande mãe”, etc. Dentro do Candomblé todos possuem ligação com esse orisá, desde os abians até os iniciados. No primeiro momento isso se dá pelo fato de toda pessoa não iniciada ser filho de Osalá com Yemonjá (mãe de todos os orís), no segundo momento, por ser considerada “mãe de todos os orisás”, os já iniciados a tem como avó, já que a mesma é “mãe de todos os orisás”.

Suas vestimentas são de cores claras, geralmente, azul ou verde claro. O ileke é composto por miçangas transparentes (cristal). Carrega consigo, assim como Osún, o abébé, e em alguns casos a adaga (a depender da qualidade/caminho dessa Yemonjá). Sua dança é calma e delicada, similar ao movimento das águas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, conforme o objetivo que estabeleci, vimos que o Candomblé é uma religião complexa, com vários fatores correlacionados, que se baseia em uma mitologia rica e diversificada. Assim, um olhar simplista, preconceituoso e racista sobre ela deve ser combatido, uma vez que distorce e desvaloriza sua riqueza.

Também pudemos identificar uma importante característica, isto é, que a mulher é vista e tratada de forma valorizada. Além de ser a maioria, as mulheres ocupam cargos de liderança, exercendo funções bastante importantes, fundamentais, dentro dos rituais do Candomblé, diferentemente de várias religiões, nas quais o sacerdócio geralmente é ocupado apenas por homens. Essa característica deve ser destacada, pois indica uma visão de mundo distinta da que vemos predominantemente no nosso país. O matriarcado candomblecista pode, portanto, nos ensinar muito sobre a possibilidade de outra forma de organização social, que o preconceito contra essa religião parece não deixar que seja imaginada.

Assim sendo, com esse olhar que se afasta do senso comum, espero ter contribuído de alguma forma, ainda que com certos limites, para a mudança da percepção sobre a religião abordada (e para outras que também são marginalizadas), de modo que, numa sociedade laica como deveria ser a nossa, haja igual respeito acerca das diversas práticas religiosas.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Ivana Silva. A visão do Feminino nas Religiões Afro-brasileiras. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, p. 156-165, 2009.

CARNEIRO, Sueli e CUTY, Cristiane. Mulheres de Ori. In: NOVAES, Priscila (org.). **Ajeum: o sabor das deusas**. São Paulo: Cielo Contínuo Editorial, 2017.

CORDOVIL, Daniela. Espiritualidades feministas: Relações de gênero e padrões de família entre adeptos da wicca e do candomblé no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 110, p. 117-140, 2016.

DALÇOQUIO, Matheus. Oba é enganada e corta a própria orelha. **Orixás – Asé ô para que de Olodumarê é filho**, 19 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://saravaorixas.blogspot.com/2012/10/conto-oba-e-enganada-e-corta-propria.html>>. Acesso em: 06 out. 2018.

KILEUY, Olé e OXAGUIÃ, Vera de. O candomblé bem explicado. [organização Marcelo Barros]. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

KLEIN, Emma. O papel feminino nas religiões. **Dom total**, Religião, 16 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://domtotal.com/noticias/detalhes.php?notId=654270>>. Acesso em: 17 out. 2018.

LÉO NETO, Nivaldo Aureliano e ALVES, Nóbrega. A natureza sagrada do candomblé: análise da construção da mística acerca da natureza em terreiros de candomblé no Nordeste do Brasil. **Interciencia**, v. 35, n. 8, p. 568-574, 2010.

MARTINS, Cléo. **Obá: a amazona belicosa**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MOTA, Clarice Santos e TRAD, Leny Alves Bomfim. A gente vive pra cuidar da população: estratégias de cuidado e sentidos para a saúde, doença e cura em terreiros de candomblé. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 325-337, 2011.

MULHERES DE AXÉ: VOZES CONTRA A INTOLERÂNCIA (Documentário). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qbgoqgoBiKU>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

MULHERES DE AXÉ (Música). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eWVHoGqY5vI>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. O CANDOMBLÉ E O TEMPO Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 110, p. 117-140, 2016.

SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes. Religião e espetáculo: Análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé. 2005. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Iyámi, Iyá, Agbás. Dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 436-445, 1995.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Iyámi, Iyá Agbás: dinâmica da espiritualidade feminina em tempos afro-baianos. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16455/15032>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

TYREE, Rhonda. **Pandora**; traduzido por Alexis B. Lemos. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/worgtal/2004/pandora.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2018.